

MACHADO, UM PERSONAGEM DE HAROLDO MARANHÃO

Jurandir Renovato

Em 1952, numa carta ao então jovem escritor Fernando Sabino, Mário de Andrade dizia: "Veja o problema do estilo: si você escrever, chegar a escrever como Machado de Assis você se esculhamba todo. Mas você precisa chegar a um estilo que fosse em você e nesse ano, o correspondente do que foi o estilo de Machado de Assis pro tempo dele". Essa lição que tem o sabor das coisas indiscutivelmente certas acaba de ser desconsiderada pelo paraense Haroldo Maranhão. Seu livro "Memorial do Fim (A morte de Machado de Assis)" mais que um exercício de diluição da escritura machadiana é uma descarada e deliciosa imitação do estilo desse que até segunda ordem continua sendo nosso maior escritor. Não satisfeito com tanto, Haroldo Maranhão ainda colocou o próprio Machado de protagonista do romance. O resultado, apesar da modéstia do autor definir como homenagem a "um amor que remonta à adolescência", é surpreendente.

Vejamos os fatos. Em setembro de 1908, Machado de Assis, já há quatro anos viúvo, recolhe-se em sua casa do Cosme Velho, onde vem a morrer rodeado de amigos ilustres como Euclides da Cunha e Joaquim Nabuco. Nesse mesmo ano publicara Memorial de Aires, para muitos seu livro mais carregado de impressões biográficas.

No cruzamento desses dois dados, o da morte e do último romance é que Haroldo Maranhão vai buscar matéria para seu livro. Ele ata os dois fios, acrescenta um terceiro e nos entrega uma ficção curiosa, onde o personagem híbrido Machado de Assis/Conselheiro Aires envolve-se num discreto caso amoroso com uma certa Leonora, muito mais jovem que ele e que não consta da história oficial.

Do mesmo modo que Machado duplica-se no protagonista do *Memorial de Aires*, Leonora vai se desdobrar ora em Marcela (do *Memórias Póstumas de Brás Cubas*) ora em Fidélia (do mesmo *Memorial de Aires*). Cria-se assim um jogo extremamente habilidoso de disfarces e imposturas.

Falsas biografias

Está certo que esse tipo de coisa já foi tentado antes, são inúmeros os exemplos de biografias falsas na história da literatura. nem precisa ir muito longe, basta citar o livro *Em Liberdade* de Silviano Santiago, espécie de diário inventado de Graciliano Ramos dos meses que sucederam a sua saída da prisão em 1937. Para dar mais crédito à autenticidade do diário, o livro conta com um prefácio onde se explica como o autor (ou melhor, o pseudocompilador Silviano Santiago) teve acesso aos originais. Espalhadas pelo livro, várias notas de rodapé comentam passagens obscuras do "original manuscrito".

Em que pese sua inegável originalidade, o que esse livro tem em comum com outros do gênero é o fato de a todo instante querer convencer o leitor de seu caráter biográfico. O romance de Haroldo Maranhão, pelo contrário, tem seu ponto alto justamente no contrafluxo dessa tendência de fingir veracidade. Já a partir da epígrafe fica claro que tudo é forjado. Sua singularidade reside em que mesmo fatos reais, como, por exemplo, a carta de Lúcio de Mendonça, entram na história com o estatuto de ficção.

Essa inversão também pode ser aplicada ao texto, pois como se trata da paródia e caricaturas (o que imediatamente torna identificável a falsificação), mais que a ilusão de estarmos diante de uma frase de Machado de Assis quando de fato não é, o que espanta é ocorrer exatamente o oposto e não só no que se refere a frases, mas também a capítulos inteiros.

Mas não se trata aqui de plágio mal intencionado ou de apropriação indébita, julgamentos bastante duvidosos e que na pena de pessoas completamente alheias ao artesanato da criação literária sempre serviram para condenar obras de inegável valor. É o que ocorreu, recentemente, com o livro *Boca do Inferno* de Ana Miranda, quando não faltou quem, valendo-se de um suposto preceito ético onde a idéia de má-fé serviu de frente de batalha, mobilizou-se em torno de um lamentável equívoco: o de que não se deve copiar nem mesmo quando o intuito é a recriação. De modo que estamos diante de um preconceito todo o qual se fosse estendido a toda tradição literária não deixaria em pé nem Shakespeare nem Goethe.

Haroldo Maranhão, certamente já prevendo um possível mal-entendido, num post scriptum bem humorado fez questão de indicar os trechos puramente machadianos de seu romance. Mas não precisava: como se sabe, toda boa literatura (e esse é o caso do livro em questão) sempre prescindiu de notas explicativas.

Universo dúbio

Em *Memorial do Fim* a sutileza do intercâmbio Machado-Maranhão cria um texto escorregadio e que ludibria o leitor o tempo todo, arrastando-o com paciente lentidão para dentro de um universo deliberadamente dúbio e muitas vezes sarcástico.

Machado/Aires está se consumindo pela doença, enquanto o narrador se preocupa em destrinchar provérbios e chavões populares, tecer extensos comentários sobre vidraças, toalhas e calvas, ou então gastar três capítulos com uma personagem absolutamente ridícula, escritora estreante que após mudar o nome para Paulo Jatobá sai à caça de um "prefaciozinho" de Machado de Assis para seu romance inédito. Não importa que o homem esteja nas últimas e mal possa escrever: "Dite meu mestre. Estou aqui de caneta e papel". O narrador não deixa por menos e de pronto dispara: "Autores com pernas e pés inteiros prescindem de muletas de pau, e da gabação dos titulares da fé pública".

O humor corrosivo de Haroldo Maranhão tem rosto próprio e quem leu o seu outro romance histórico-satírico "O Tetranelo Del-Rei" sabe o quanto pode ser brilhante. Mas em *Memorial do Fim* se é o humor que dá o charme e o toque especial, não será ele a fazer todas as honras da casa. No capítulo que antecede a morte de Machado/Aires, quando todos os amigos (não fictícios) estão ao seu lado, eis que se dá um fato digno de nota. Um rapaz, muito jovem entra no quarto para se despedir do velho escritor. Ninguém o conhece, sequer o doente. Ele se aproxima do leito e, ajoelhado, abraça o moribundo, que, sem ninguém perceber, chora. O mais curioso é que nesse instante (um dos mais belos do livro) é o próprio Machado quem assume a voz narrativa como se Haroldo Maranhão (agora incorporado pela figura do rapaz) passasse a palavra ao mestre. Sem dúvida um delicado ato de humildade de um grande escritor diante de outro.

Num ano de vacas gordas para a crítica machadiana é de se admirar que alguém tenha coragem de trazer à luz não uma explicação mas uma espécie lúdica de releitura da obra do velho bruxo. Aos que costumam dizer que a ficção brasileira vai mal, Haroldo Maranhão, com imensa honestidade, sem dúvida pagou-lhes com um piparote.

Jornal da USP / 7 – 13/10/91